



ecomusic

Mesa redonda

**EcoMusic:**  
**sustentabilidade**  
**da MTP em**  
**contexto**  
**Covid-19**

10 de julho '20  
09h30  
Zoom

Oradora convidada  
**Paula Guerra**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Programa e resumos





## **Índice**

**Programa ..... 6**

**Resumos das comunicações..... 12**





**Programa**



**9h30 - 10h15**

**Oradora convidada:**

Paula Guerra (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)



**10h30 - 11h15**

**"Mistérios da Páscoa" em novos contextos: implicações da pandemia nas performances musicais locais**

António Ventura (Universidade de Aveiro | INET-md)

**"Navegar, navegar" (desta vez, na internet): o Festival Violas do Atlântico, em tempos de pandemia**

Rui Marques (Universidade de Aveiro | INET-md)

**Fado e Choro: conexões instrumentais na música popular brasileira e portuguesa**

Thomas Garcia (Miami University, Ohio)

**Festa da Santa Cruz em contexto de pandemia: memória, resiliência e sustentabilidade cultural**

Sheila Nunes da Silva (Universidade de Aveiro | INET-md)



**11h30 - 12h45**

**Do real ao virtual (e vice-versa): pedagogias da ausência e encruzilhadas de pesquisa**

Emma Pires (Universidade de Évora)

**Afinal, festa, e festival, não é bem quando o povo quiser (In absentia 2)**

Jean-Yves Durand (Universidade do Minho | CRIA-UMinho)

**“Agora, o meu palco é o meu quarto!”: dinâmicas e processos de preparação e performance virtual dos bombos em tempos de COVID-19**

Lucas Wink (Universidade de Aveiro | INET-md)

**“Se for preciso, voltamos aos campos para cantar!”: resiliência e gestão adaptativa em contexto Covid-19**

Maria do Rosário Pestana (INET-md | Universidade de Aveiro)

**As tradições no quadro do associativismo: o caso do Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio**

Pedro Moreira (NOVA FCSH | INET-md)

**14h00 - 15h15**

**Notas de Canto - uma experiência etnográfica com os grupos de canto polifónico feminino em Portugal**

Raquel Melo (Universidade de Aveiro | INET-md)

### **Trabalho de campo em tempo de confinamento**

Rui Chã Madeira (Universidade de Aveiro | INET-md)

### **Música e sustentabilidade nas Terras de Miranda**

Susana Moreno Fernández (Universidade de Valladolid | Facultad de Filosofía y Letras)

### **Antes que comece o dia: Participação e comunidade no festival Tradanças (2019)**

Helena Marinho (Universidade de Aveiro | INET-md)

### **“Somos muito mais que um grupo coral” - Cante no feminino e comunidade em tempos de pandemia**

Celina da Piedade (NOVA FCSH | INET-md)



15h30 - 16h15

### **Uma abordagem exploratória a três estruturas de edição de música tradicional: D’Orfeu, Sons da Terra e Tradisom**

Pedro Nunes (NOVA FCSH | INET-md)

### **A gostar dela própria?: O papel da televisão na mediação da MTP em Portugal**

Sofia Vieira Lopes (NOVA FCSH | INET-md)



**16h30 - 17h30**

**Havemos de cantar outra vez, sem ser na net ... Crise e transformações recentes do cantar à desgarrada**

António Medeiros (ISCTE-IUL | CRIA-IUL)

**Madeira, ano 2020. Como a pandemia infeta e afeta um terreno.**

Jorge Freitas Branco (ISCTE-IUL | CRIA-IUL)

**“Boa noite Património”: processos de produção do programa da rádio local Castrense no contexto atual da pandemia**

Maria José Barriga (NOVA FCSH | CESEM)

**Bonecos de Santo Aleixo: presença e ausência dos cantos de improviso no teatro de marionetas do Alentejo**

Paulo Lima

**17h30**

**Comentário final e encerramento.**

Paula Guerra (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)



**Resumos das  
comunicações**



## Havemos de cantar outra vez, sem ser na net ... Crise e transformações recentes do cantar à desgarrada

António Medeiros

ISCTE-IUL | CRIA-IUL

No Verão e no Outono de 2019 fiz alguns primeiros contactos com cantadores e cantadeiras de desgarrada em diversas localidades do Minho, contactos que queria poder desdobrar num trabalho de campo extensivo que decorreria no presente semestre e no próximo Verão. Na minha comunicação, em primeiro lugar, sublinharei como foi sempre importante nesta pesquisa encontrar no Youtube e no Facebook performances e vários outros registos biográficos dos artistas em causa. Mas também quero dar conta, num segundo passo, de como as circunstâncias inéditas recentes trouxeram um novo sentido aos usos das redes sociais, não apenas na perspectiva do investigador, mas também sobretudo na dos próprios artistas. Estes têm percebido que se situam na internet as poucas possibilidades abertas para manter uma carreira e garantir proventos mínimos. Porém só uma minoria muito pequena parece estar a ser capaz de os fazer... Como pano de fundo, num curso mais longo e por força de outras razões, uma transformação importante de públicos e de expectativas de performance tem-se vinculado.

**António Medeiros**, antropólogo, professor auxiliar do ISCTE (Departamento de Antropologia). Fez trabalho de campo em Portugal, Espanha e na Turquia, e é autor e organizador de vários livros, artigos e outras publicações. Os nacionalismos, as culturas nacionais, as histórias dos interesses etnográficos, têm sido os seus principais temas de interesse.



## “Mistérios da Páscoa” em novos contextos: implicações da pandemia nas performances musicais locais

António Ventura

Universidade de Aveiro | INET-md

Este estudo é resultado de uma investigação a decorrer sobre um conjunto de manifestações religiosas no concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo-Branco. Os “Mistérios da Páscoa”, designação criada por um conjunto de eruditos locais e órgãos institucionais para representar a revitalização de um conjunto de performances musicais que ocorrem durante o tempo da Quaresma, à noite, nas ruas de várias aldeias do concelho. Desde a segunda década do século XXI tem-se observado um forte investimento, tanto humano como material na performance, com a autarquia e eruditos locais a contribuir principalmente para a sua revitalização no âmbito de uma candidatura a Património Cultural Imaterial da UNESCO. Face ao desenvolvimento de novos contextos e mudança de comportamentos devido ao surto de COVID-19, as próprias populações e agentes políticos adaptaram-se e transformaram os comportamentos sociais ritualizados relativamente aos “Mistérios da Páscoa em Idanha”. Seguido do cancelamento de todas as atividades quaresmais no concelho por parte da autarquia, seguindo as recomendações do governo, várias pessoas e grupos avançaram com as performances musicais ainda que impossibilitadas de sair de suas casas. Vários eventos foram também organizados nas redes sociais e amplamente divulgados nos meios de comunicação social; um ciclo de cinema documental intitulado “Páscoa em Casa” organizado pela autarquia ou celebrações eucarísticas e performances musicais em direto através da rede social *facebook* foram alguns desses eventos. Com esta proposta procurar-se-á compreender as dinâmicas que esta pandemia motivou na participação das populações, performers, públicos e nos decisores. Devido ao confinamento social, esta investigação também me impôs uma revisão dos meus próprios métodos de pesquisa como uma predominância da utilização das tecnologias através da consulta de websites e do contacto com os intervenientes através das redes sociais. Esta comunicação também se sustenta em pesquisa arquivística e bibliográfica bem como no trabalho de campo na Internet (Cooley & Barz 2008).

**António Ventura** nasceu em Aveiro, Portugal em 1992. Completou a licenciatura em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2014 e o mestrado em Música vertente Etnomusicologia em 2016, na Universidade de Aveiro. Atualmente, é doutorando em Etnomusicologia e integra a equipa de investigadores dos projectos “A nossa música, o nosso mundo: Associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais (1880-2018)” e “EcoMusic – Práticas Sustentáveis: um estudo do pós-folclorismo em Portugal no século XXI”, em curso na Universidade de Aveiro.

## “Somos muito mais que um grupo coral” - Cante no feminino e comunidade em tempos de pandemia

Celina da Piedade

NOVA FCSH | INET-md

O cante alentejano, pela sua natureza gregária, enfrenta com o COVID-19 desafios como nunca conheceu. Apesar disso, essa sua característica - que lhe traz grandes dificuldades em períodos de isolamento social obrigatório - representa ainda assim uma vantagem em termos comunitários. Os Grupos Corais são, para além de entidades culturais, estruturas formais, normalmente constituídas em associação, ou afetas a alguma outra organização já existente. O associativismo é algo impossível de dissociar do movimento coral alentejano. E quando falamos de Cante no Feminino isso parece tornar-se tanto ou mais claro. Muitas vezes criados a partir de uma organização formal ou informal prévia (por exemplo um grupo de trabalhadoras de uma instituição, de voluntárias de uma Casa do Povo ou até de alunas de ginástica), a sua constituição como grupo coral, e muitas vezes consequentemente como Associação, oferece-lhe uma dimensão comunitária que acaba por extravasar a ação cultural. Elas tornam-se uma força organizada que cuida da comunidade e lhe dá estrutura, sendo isso mais evidente em populações mais pequenas. Que guerras travaram estas mulheres como grupo neste período? A quem tiveram que estender a sua ação social? E como lidaram com a impossibilidade de cantarem juntas? É a algumas destas perguntas que irei procurar responder na minha breve apresentação.

**Celina da Piedade** é música, compositora e investigadora. Começou a estudar música aos 5 anos, e pouco tempo depois a actuar em público. Estudou acordeão e piano no Conservatório de Setúbal, onde também deu aulas de acordeão. Licenciou-se em História-Património Cultural na Universidade de Évora e é mestre em Ciências Musicais-Etnomusicologia pela FCSH- Universidade Nova de Lisboa. Em 1998 conhece a Associação PédeXumbo, com quem colabora desde então, tendo sido Presidente da Direcção entre 2007 e 2011 e actualmente Presidente Honorária. No ano de 2000 inicia a sua colaboração com Rodrigo Leão tocando em todos os concertos e trabalhos do compositor até 2016. A esta

partilha acrescentam-se outras, como artista e compositora: Mayra Andrade, Uxia, Ludovico Einaudi, Kepa Junkera, Gaiteros de Lisboa, António Chainho, Samuel Úria, entre muitos outros. É membro fundador dos projectos Uxu Kalhus e Homens da Luta. Participou em mais de uma centena de edições discográficas, para além de bandas sonoras para cinema, teatro e dança. No seu trabalho em nome próprio conta já com três albuns, “Em Casa” (Melopeia, 2012), “O Cante das Ervas” (Melopeia e Jardim da Boa Palavra, 2014) e “Sol” (Sons Vadios, 2016). Integra paralelamente o grande colectivo Tais Quais, fazendo parceria com Vitorino, Tim, Sebastião, Serafim, Jorge Palma, Paulo Ribeiro e João Gil. Ao longo destes anos participou como instrumentista e formadora em centenas de oficinas em torno da dança e da música tradicional por todo o mundo. Dedicou-se activamente ao estudo e divulgação do património musical alentejano, colaborando com cantadores, grupos corais e entidades locais. É co-autora do livro “Caderno de Danças do Alentejo”, editado pela Associação PédeXumbo. Integra actualmente o INET-md (Instituto de Etnomusicologia- Música e Dança) e o projecto “Palmela É Música” do Município de Palmela.

## Do real ao virtual (e vice-versa): pedagogias da ausência e encruzilhadas de pesquisa

Emma Pires

Universidade de Évora | IHC-UÉ

A presente proposta de comunicação discute dimensões do trabalho de pesquisa em curso nos últimos 6 meses, influenciado pela conjuntura que dá título ao presente encontro. O contexto de pandemia obrigou a uma suspensão do cronograma de recolha de dados e a uma reconfiguração do trabalho a desenvolver. De modo concreto, nesta comunicação discutem-se aspectos de encruzilhadas da experiência participante por nós desenvolvida em conta dois contextos de espaços virtuais/reais: 1) experiências exploratórias de recolha de dados numa aldeia da Beira Baixa onde foi realizado o confinamento Março-Maio; e 2) recolha exploratória de dados em aulas remotas (via plataforma zoom) em que participámos durante os meses de Maio/Junho 2020.

**Emma Cláudia Ribeiro Pires.** Departamento de Sociologia, Universidade de Évora e IHC-UÉ, Portugal. Antropóloga. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia/Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. É Doutorada em Antropologia (ISCTE-IUL, 2012), com a tese Paraísos Desfocados: Nostalgia Empacotada e Conexões Coloniais em Malaca. É mestre em Sociologia (Universidade de Évora, 2002) e licenciada em Antropologia (ISCSP-UTL, 1998). Entre os seus interesses de pesquisa, salientam-se os processos de apropriação social de espaços, antropologia do colonialismo, poder, processos identitários, patrimonialização e turistificação. Tem realizado pesquisa em contextos europeus e asiáticos. Investigadora Integrada do IHC-CEFChi\_UÉ desde Novembro de 2015. Desde 2016, colabora com o Programa de pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília (Brasil).



## Antes que comece o dia: Participação e comunidade no festival Tradidanças (2019)

Helena Marinho

Universidade de Aveiro | INET-md

O festival Tradidanças tem sido realizado anualmente em Carvalhais (S. Pedro de Sul) desde 2017, organizado pela Associação Turística e Agrícola da Serra da Arada. Este festival privilegia duas vertentes artísticas: a música, em concertos com performers portugueses e estrangeiros que revisitam as músicas tradicionais numa perspectiva de pós-folclorismo; e a dança, praticada sobretudo em workshops, por vezes com acompanhamento musical ao vivo. O enfoque é marcadamente local nas actividades paralelas, promovendo (citando a organização) “a união, envolta pela música, entre as tradições e as danças personificando as gentes, serras, montes e vales do nosso território”.

Em Agosto de 2019, visitei Carvalhais 2 dias antes do festival, com o intuito de registar momentos de preparação, filmando e entrevistando elementos da organização, voluntários e alguns músicos já presentes no recinto. A esta visita seguir-se-ia nova recolha de dados na edição de 2020 (entretanto cancelada). Pretendia-se observar e analisar de forma integrada a construção de uma comunidade em torno deste evento, através do estudo de como se processa a gestão das expectativas ligadas ao trabalho musical, tanto a nível institucional e pessoal, e como esta rede de construções simbólicas se exprime em momentos cruciais deste trabalho, tanto ligados a momentos de participação directa nas expressões artísticas, como no trabalho prévio e ‘invisível’ de bastidores.

**Helena Marinho** é professora auxiliar no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e investigadora integrada do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança. Concluiu graus de mestrado na Universidade do Kansas e na Escola Estatal de Música da Noruega. Os seus interesses de pesquisa centram-se nas áreas da pesquisa em performance e história da música portuguesa dos séculos XX e XXI. É autora de vários livros e capítulos de livros (Brepols, Imperial College Press, Colibri, Caminho,

mpmp) e artigos em revistas internacionais nessas temáticas, tendo também apresentado trabalhos em congressos nacionais e internacionais. Foi avaliadora da Comissão Europeia para o Programa Cultura, membro dos júris de avaliação de bolsas de pós-graduação e investigador FCT da Fundação para a Ciência e Tecnologia, e avaliadora da Comissão Europeia e Agência Austríaca de Pesquisa. É parecerista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música do Brasil e parecerista adhoc das revistas *Psychology of Music*, *Opus*, *Debates*, e *Musica Hodie*. Fundou e organizou o congresso *Performa*, uma conferência internacional bianual de estudos em performance (2005-2013). Pertenceu à equipa de investigação de quatro projectos financiados pela FCT (como IP de dois), e é IP de um projecto financiado pela FCT sobre experimentação em música.

Paralelamente à sua actividade académica, Helena Marinho tem efectuado concertos nas principais salas e festivais portugueses, e também nos Estados Unidos, Brasil, Etiópia, Índia, Inglaterra, Irlanda, França, Espanha, Itália, Grécia, Suécia e Noruega. A sua actividade divide-se entre projectos com piano moderno e pianoforte, tendo gravado 10 CDs com repertório contemporâneo e clássico em ambos os instrumentos. Efectuou também diversas gravações para a RTP, a RDP e a televisão francesa. Estreou várias obras de compositores portugueses, tanto em Portugal como no estrangeiro.

## Afinal, festa, e festival, não é bem quando o povo quiser (In absentia 2)

Jean-Yves Durand

Universidade do Minho | CRIA - UMinho

O “festival” é um dos avatares contemporâneos da festa e, até a um certo ponto polimorfo como ela, ocupa uma posição incerta entre as funções de coesão grupal que lhe atribui uma abordagem sociológica clássica, na senda de Durkheim, e uma visão mais psicológica salientando sobretudo a suspensão ou inversão temporária e subsequente reafirmação da ordem estabelecida. Uma parte considerável dos fluxos culturais se realiza agora *in absentia*, mas o festival contraria esta tendência e proporciona oportunidades de interações presenciais, embora muitas vezes numa escala geográfica e social diferente do que era mais habitual com as figuras tradicionais da festa.

Perante a impossibilidade legal, por razões sanitárias, de organizar grandes agrupamentos no verão 2020, os promotores de festivais de todos os feitios e tamanhos procuram formas alternativas. A observação da inventividade e da capacidade adaptativa manifestadas, ou não, por alguns eventos permite realçar certos traços do ecossistema pós-folclorista musical português: situação em relação a diversas escalas identitárias, uso da noção de “património”, grau de envolvimento activo do público, atitudes políticas assumidas ou implícitas.

Texto elaborado no seguimento de “Festival, é quando o povo quiser”, apresentado no seminário Ecomusic 2019, e integrado numa série, intitulada *In absentia*, dedicada a diversas dinâmicas culturais em contexto pandémico.

**Jean-Yves Durand** (MA em literatura comparada / teoria da tradução, State University of New York; doutoramento em antropologia, Université de Provence) ensina antropologia no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e é membro do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Foi docente convidado na École du Louvre e director do Museu da Terra de Miranda.

A sua investigação centra-se nas dinâmicas contemporâneas de uma variedade de saberes, técnicas e práticas. Observa as relações entre as políticas públicas e as atitudes e iniciativas individuais ou colectivas nas áreas da cultura e da saúde, em particular a propósito do artesanato (valorização, luxurização, propriedade intelectual e cultural), da festa (coordenação do estudo das Festas Nicolinas de Guimarães e de diversas romarias do Minho) e da vacinação (autonomia individual, cidadania, direitos humanos), salientando a actual relevância das noções de “confiabilidade” e de “reconhecimento”.

Madeira, ano 2020. Como a pandemia infeta e afeta um terreno.

Jorge Freitas Branco

(ISCTE-IUL | CRIA-IUL)

A pesquisa em curso sobre improvisos falados na Madeira entrou ela própria em confinamento, na medida em que as pessoas envolvidas e as que iriam colaborar cumpriram as regras de distanciamento espacial. Faz-se um apanhado do contexto gerado nos diferentes níveis a) a relação entre confinamento nacional e regional b) o projeto suspenso c) a Madeira tem os dados mais baixos de infetados e ausência de mortos d) que fazer? Nas perspetivas antevistas, mas não antecipadas, a retoma no terreno aconteceria propondo aos intervenientes (improvisadores, promotores, investigadores) a construção duma narrativa centrada no quadro esboçado e lançados estes motes: pandemia, confinamento, normalidade.

**Jorge Freitas Branco** (Dr. Phil. Universität Mainz, Alemanha) é professor catedrático de antropologia no ISCTE Instituto Universitário de Lisboa e investigador no CRIA-IUL. Lecionou ainda nas universidades de La Laguna, Tenerife (1992) e Complutense de Madrid (2010). Foi professor visitante nas universidades de Leipzig (1996-97), de Marburg (2000) e na Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil (2010). Investigação de terreno em Portugal continental, ilhas atlânticas (Madeira, Porto Santo), Alemanha, Brasil e França, com projetos desenvolvidos e publicações nos seguintes domínios: materialidades, técnica, culturas populares, história das antropologias marginais, museus e coleções, laicismo.



## “Agora, o meu palco é o meu quarto!”: dinâmicas e processos de preparação e performance virtual dos bombos em tempos de COVID-19

Lucas Wink

Universidade de Aveiro | INET-md

Em 18 de março de 2020, Portugal decretou o estado de emergência no âmbito das medidas contra o COVID-19. Desde então, as necessárias restrições de segurança impostas pelo governo têm gerado profundos constrangimentos no ecossistema dos bombos. Se, por um lado, a grande maioria dos agrupamentos encontra-se numa frágil inércia perante a impossibilidade de atuar em contextos face a face – seja nos encontros/ensaios regulares presenciais ou nas dezenas de festividades populares de verão massivamente canceladas por todo o país, por outro alguns têm recorrido a ferramentas digitais não integradas em seus modos habituais de performance. As ações de grupos e dos seus integrantes em redes sociais descrevem atuações transmitidas “em direto” para uma audiência que interage em simultâneo; a produção de vídeos em que cada membro do grupo grava a si próprio a tocar num tempo e espaço distinto, resultando numa performance conjunta através da edição e montagem a posteriori; a utilização de instrumentos musicais “não convencionais” em virtude da inacessibilidade aos bombos e caixas; a circulação de material pedagógico intra/entre grupos; a partilha regular de memórias audiovisuais em território público online.

Tendo em conta os contributos de Christine Hine (2015) em torno da Etnografia na/para a Internet (2015) e de Robert Kozinets (et al. 2014;2015) da Netnografia, direciono a investigação para o terreno virtual, interagindo com e observando ações, produções e participações dos atores sobretudo na plataforma do Facebook e do Youtube. Nesta comunicação, portanto, pretendo examinar as dinâmicas dos grupos de bombos num cenário pandêmico, inquirindo sobre os “novos” processos musicais de preparação e performance decorrentes do distanciamento social, sobre as relacionalidades e o papel das redes e ferramentas digitais na configuração destes coletivos e nas atividades dos seus tocadores. Ângelo Reis, por exemplo, integrante do Grupo de Bombos Os Figueiras na Rua, aludindo a impossibilidade de atuar presencialmente com os colegas de grupo, sintetiza a experiência vivida

durante a pandemia na frase “agora, o meu palco é o meu quarto! [...] que é onde eu faço os meus diretos!”.

O estudo permite discutir (i) a centralidade das ações autorreflexivas por parte dos tocadores no que diz respeito a aprendizagem de procedimentos, técnicas e manuseio de softwares para a concretização das performances; (ii) o modo como as participações individuais nas dinâmicas de criação de performance virtual coletivas são, na verdade, ofuscadas perante a inviabilidade da interação sincrônica e presencial entre todos os membros do grupo; (iii) as políticas de participação estabelecidas entre performer-audiência no terreno virtual; (iv) as estratégias, problemas e desafios experienciados pelos tocadores relativamente às limitações de natureza técnica e tecnológica da performance online.

**Lucas Wink** é doutorando em Etnomusicologia na Universidade de Aveiro, onde realiza uma investigação financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal. É investigador do projeto “EcoMusic- Práticas Sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI”. Concluiu o Mestrado em Música pela Universidade de Aveiro (2017, área de especialização Musicologia). Em 2017 frequentou o Mestrado em Ensino da Música nesta universidade. Publicou e apresentou trabalhos em Espanha, Portugal, Brasil e Inglaterra. Toca bateria na Orquestra Bamba Social.

## “Se for preciso, voltamos aos campos para cantar!”: resiliência e gestão adaptativa em contexto Covid-19

Maria do Rosário Pestana

Universidade de Aveiro | INET-md

Desde há várias décadas que venho a estudar um repertório cantado por três ou mais vozes de mulheres, por vezes com a participação de homens e ou crianças, que localmente adquire distintas designações. Mais recentemente, fui contactada para colaborar com as cantadeiras e o município de São Pedro do Sul na redação de uma candidatura do “canto a vozes de mulheres” à lista nacional do património cultural imaterial. A proposta visava não só ver reconhecida esta forma de cantar que se manteve marginal aos processos de folclorização, como pretendia dar visibilidade às mulheres enquanto agentes culturais. Criámos um grupo de trabalho para cartografar grupos formais e informais no centro e norte do país e organizámos sessões de trabalho públicas, a última das quais, foi realizada em Viana do Castelo no dia 1 de março de 2020 e reuniu mais de 300 cantadeiras e umas dezenas de cantadores.

A pandemia Covid-19 interrompeu abruptamente a atividade dos grupos de cantadeiras: os ensaios e apresentações públicas foram cancelados. Timidamente, foram sendo colocadas memórias do canto a vozes no Facebook, depois, foram partilhadas no Youtube ‘performances à distância’ e mais recentemente usam a rua para testar um ou outro ensaio. A televisão e os programas online proporcionam novas oportunidades para alguns dos grupos, num processo que cria expectativas, ao mesmo tempo que acentua desigualdades. Todavia, é com resiliência que cantadeiras como Sandra Costa enfrentam as dificuldades impostas pelo distanciamento social: “Voltamos aos campos para cantar!”, sustenta com determinação.

Nesta comunicação refiro as dinâmicas que intersetei como investigadora e abordo a gestão adaptativa pela sustentabilidade desta prática musical na qual também participei.

**Maria do Rosário Pestana** é Professora Auxiliar na Universidade de Aveiro e integra o Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md). Etnomusicóloga, tem desenvolvido estudos sobre folclore e folclorização, música e migração, comunidades musicais e associativismo musical. Entre outras publicações, coordenou a edição de livros sobre indústrias da música em Portugal, associativismo musical e música de expressão local. Atualmente coordena o projeto EcoMusic, intitulado “Práticas sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

## Boa noite Património”: processos de produção do programa da rádio local Castrense no contexto atual da pandemia

Maria José Barriga

NOVA FCSH | CESEM

O programa “Património”, um programa da rádio local Castrense, sediada em Castro Verde, da responsabilidade do advogado local, José Francisco Colaço Guerreiro, existe há trinta anos. Trata-se de um programa semanal, à quinta feira, com a duração de duas horas, das 21.00 às 23.00, que é realizado em direto. A valorização e divulgação do Património local foi o seu lema ao longo dos anos. Destacou-se sempre do panorama dos outros programas das rádios locais por, ao longo de duas ou três horas, dar a voz em tempo real aos detentores de tradições locais.

Estudei o contexto deste Programa há cerca de vinte anos com o particular enfoque no seu papel junto da comunidade dos cantadores repentistas (cantadores de baldão e despique). O Programa esteve cancelado durante dois anos, entre 2017 e 2019, e reapareceu em Janeiro de 2019.

No momento atual, no contexto da pandemia, surge com um formato adaptado, é transmitido em direto pela rádio local, mas também pela sua página de Facebook, e a interação com os ouvintes apresenta aspetos inovadores que produzem novos diálogos entre os participantes. No mês de Maio comecei a ouvi-lo às quintas feiras à noite, e decidi realizar um estudo sistemático dos seus novos processos de produção e do universo de respostas de detentores das tradições.

**Maria José Barriga** é natural de Beja. Licenciada em Cravo pelo Conservatório Real de Haia/Holanda. Apresentou-se em concertos em Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha e México. Docente de Cravo no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Academia de Música de Santa Cecília em Lisboa. Mestre em Etnomusicologia pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do Cesem/Nova de Lisboa no domínio da aprendizagem e processos de transmissão nas tradições orais de improviso. Colabora no grupo de investigação EcoMusic (Univ. Aveiro) em projetos relacionados com cante alentejano e improviso no sul. Publicações: Cante ao baldão - Uma prática de desafio no Alentejo, 2003, editora Colibri.



## Bonecos de Santo Aleixo: presença e ausência dos cantos de improviso no teatro de marionetas do Alentejo

Paulo Lima

Os Títeres ou Bonecos de Santo Aleixo são marionetas de pequena dimensão, entre 20 a 40 cm de comprimento, cuja manipulação é feita através de varão.

Atuam num pequeno retábulo, cuja ‘boca de cena’ possui uma rede dupla de cordéis. Este retábulo possui diferentes cenários, geralmente de madeira ou cartão, que eram trocados conforme os textos ou o tipo de performance: autos teatrais, bailes ou cantos improvisados.

Até finais de 1960, existiam duas companhias, Talhinhos e Sandes.

Pós-1974, a Assembleia Distrital de Évora compra à família Talhinhos as marionetas e o retábulo e em Borba é adquirido todo o teatro de Sandes.

Uma e outra coleção vão estar na origem de três companhias ou ‘famílias’: a de Talhinhos da ‘família’ do Centro Dramático de Évora e do Sandes a ‘família’ da ‘Ti Ermelinda (Estremoz) e uma nova ‘família’ em Orada.

Embora os poucos estudos sobre tipo de teatro incidam sobre os autos, popularmente eram os bailes e os cantos de improviso, fado, desgarrada ou saídas, que preenchiam grande parte dos espetáculos.

O trabalho de campo que pretendemos levar a cabo, procura entender a ausência do canto de improviso na ‘família’ CENDREV e a sua continuidade, e forte presença, nas companhias de Estremoz e de Orada, assim como o aumento de interesse pelo improviso nos grupos folclóricos do Alto Alentejo.

Procuramos também acompanhar a ideia de candidatura dos Bonecos de Santo Aleixo a património da humanidade no promovido no âmbito da candidatura de Évora Cidade Europeia da Cultura.



## As tradições no quadro do associativismo: o caso do Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio

Pedro Moreira

NOVA FCSH | INET-md

Os grupos etnográficos em atividade, na sua dimensão musical e coreográfica, enfrentam diversos desafios que se prendem com a manutenção das tradições que representam enquadradas no âmbito associativo. Partindo do caso do Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, sediado em Braga, fundado em 1936, e em atividade quase ininterrupta desde então, pretende-se refletir acerca da sua sustentabilidade e manutenção no futuro, ancorando o seu discurso no seu legado e na sua história, entre o passado e o futuro. Surgem assim questões centrais como: o que significa, atualmente, pertencer ao grupo? Qual o papel da vida associativa na preservação do património cultural do grupo? Quais as estratégias implementadas para a sua sustentabilidade? Quais os discursos sobre a identidade do grupo e autenticidade do seu repertório na ligação com dimensão associativa?

**Pedro Moreira** é doutorado em Ciências Musicais (Etnomusicologia) e investigador do INET-md. É professor convidado do IPL- Escola Superior de Educação de Lisboa, Universidade de Évora e Universidade do Minho. Ocupou cargos de coordenação e direção em cursos de licenciatura e mestrado em Música (performance) e Ensino de Música, no Instituto Piaget (ISEIT – Almada) e na Academia Nacional Superior de Orquestra (Metropolitana). A sua tese de doutoramento centra-se no caso da Música Ligeira no âmbito da Emissora Nacional (1935-1949), e o pós-doutoramento, concluído em 2017, abordou as representações mediáticas da identidade da comunidade portuguesa na região de Paris. Colabora regularmente com a Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos e Casa da Música na redação de notas ao programa.



## Uma abordagem exploratória a três estruturas de edição de música tradicional: D'Orfeu, Sons da Terra e Tradisom

Pedro Nunes

NOVA FCSH | INET-md

Nesta intervenção abordarei os casos da D'Euridice, enquanto selo editorial da associação D'Orfeu, da Sons da Terra e da Tradisom, como exemplos de estruturas editoriais de divulgação da música de raiz tradicional. Partindo de considerações gerais sobre as novas formas da indústria fonográfica sobretudo no que toca aos modelos de distribuição e às sinergias entre diferentes áreas de promoção e divulgação de música, falarei das práticas e valores nestas editoras em contexto de globalização e hibridização da música tradicional ao longo dos últimos vinte anos. Tomarei como dimensões de análise as estratégias editoriais, os modelos de negócio e as possíveis sinergias com outras estruturas dentro do mesmo subcampo de produção musical.

**Pedro Nunes** é mestre em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e doutorado em Film and Media Studies pelo Stirling Media Research Institute da Universidade de Stirling. Foi Professor Convidado do Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta e Professor Adjunto da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, Instituto Politécnico de Leiria. É investigador integrado do Instituto de Etnomusicologia da FCSH-UNL desde 2006. Tem investigado e publicado sobre jornalismo e crítica musical, a indústria fonográfica em Portugal e culturas e movimentos juvenis.



## Notas de Canto - uma experiência etnográfica com os grupos de canto polifónico feminino em Portugal

Raquel Melo

Universidade de Aveiro | INET-md

Partindo da minha formação académica como antropóloga, em outubro de 2019 iniciei o trabalho como bolsista de investigação no projeto EcoMusic–Práticas sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI. Esse trabalho, desde então, consistiu sobretudo na participação e no acompanhamento do processo de inscrição do “Canto a Vozes” no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Neste âmbito, realizei e mantive contato com grupos de cantadeiras a nível nacional; realizei trabalho de pesquisa e consulta em arquivos públicos; editei vídeos e transcrevi entrevistas; organizei e atualizei os domínios da base de dados do projeto com o objetivo da criação do website “Canto a Vozes”; e fui incentivada a realizar trabalho de campo junto dos grupos.

Esta última tarefa consistiu numa experiência desafiante e curiosa. A familiaridade que eu detinha com esta realidade através da minha experiência prévia como cantadeira – traduzida no conhecimento do repertório musical, do léxico específico da prática, das “técnicas” deste cantar, dos contextos de performance – permitiu o desenvolvimento de uma maior proximidade e interação com os grupos no terreno. Nesta comunicação, a partir da narração de algumas notas que mantive no meu caderno de campo, pretendo dar a conhecer as experiências que esta proximidade gerou.

**Raquel Melo** é natural da cidade do Porto, cresceu em Mindelo, onde desde cedo participou ativamente no associativismo local ligado à música e desenvolveu as suas capacidades como instrumentista. Licenciada em Antropologia pela Universidade de Coimbra, durante esse percurso académico, junta-se ao GEFAC e o gosto pelo estudo e transformação de repertório tradicional português desenvolve-se. O bombo, a caixa, os adufes, os pandeiros, mas principalmente a voz ganham força e corpo no seu percurso. Em 2015 integra como vocalista e instrumentista o grupo “Las Çarandas”, em 2017 é cofundadora do grupo “Lôa Trovadoresca” e em 2019 integra o “Colectivo FOICE”. Colabora frequentemente com diversos projetos no âmbito da música tradicional portuguesa, destacando-se colaborações com “Segue-me à Capela”, “Colectivo Ciranda” e a mais recente participação na gravação do

álbum do músico Quiné Teles, em 2018. Para além do trabalho como música, colabora frequentemente em projetos no âmbito da arte e comunidade, destacando-se o trabalho com a PELE - Associação Cultural. Atualmente, trabalha como bolsista de investigação no projeto ECOMUSIC - Práticas Sustentáveis: um estudo sobre o pós - folclorismo em Portugal no século XXI, no Instituto de etnomusicologia, na Universidade de Aveiro.

## Trabalho de campo em tempo de confinamento

Rui Chã Madeira

Universidade de Aveiro | INET-md

No concelho de São Pedro do Sul e especificamente na aldeia de Manhouce os efeitos do confinamento foram percecionados de forma relativamente serena, no entanto o plano definido para o percurso de investigação foi inevitavelmente alterado. Essa alteração, relacionada essencialmente com o trabalho de campo, verificou-se em dois domínios. O primeiro prendeu-se com a programação das entrevistas fora do concelho, nomeadamente em Lisboa e no Porto. O segundo teve a ver com a programação de entrevistas e pesquisa arquivística no concelho de São Pedro do Sul e em Viseu. A reprogramação do trabalho de campo priorizou a utilização de outros meios de comunicação. Portanto, as entrevistas presenciais foram realizadas através de telemóvel e a pesquisa arquivística foi realizada com recurso a contactos por telemóvel e por correio eletrónico. Os contactos com a cantadeira Isabel Gomes Silvestre foram também realizados por contacto telefónico. Dada a impossibilidade de me deslocar, as transcrições das entrevistas realizadas com indivíduos que não possuem correio eletrónico foram enviadas por correio em formato papel. A atividade “O Canto das Nossas Mulheres” aprovado pelo Município de São Pedro do Sul não será realizada, defraudando as elevadas expectativas das intervenientes dos grupos de canto polifónico do concelho.

**Rui Chã Madeira** é natural e residente em São Pedro do Sul. Mestre em psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Desde 2017 é doutorando em música, especialização em etnomusicologia pelo Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Integra o INET-md como investigador não doutorado em etnomusicologia e estudos em música popular. Colabora no projeto de investigação “Práticas musicais, contextos de memória e detentores de tradição: Levantamento de património imaterial no concelho de São Pedro do Sul”, no projeto de investigação “EcoMusic – Práticas sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI”, colabora na plataforma “Mpart – A nossa música, o nosso mundo: Associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais – 1880-2018” e na plataforma “Canto de Mulheres: Polifonias a três e mais vozes, no século XXI”. Tem

desenvolvido trabalho de campo sobre as práticas musicais do concelho de São Pedro do Sul. Participou em vários projetos musicais, produziu maquetas e peças sonoras para peças de teatro e realizou curtas-metragens, cooperou em sessões de gravação em estúdio. Colabora como programador e promotor de atividades musicais numa associação de intervenção cultural.

## "Navegar, navegar" (desta vez, na internet): o Festival *Violas do Atlântico*, em tempos de pandemia

Rui Marques

Universidade de Aveiro | INET-md

A Associação de Juventude Violas da Terra (AJVT), fundada em 2010 em Ribeira Quente, nos Açores, tem como propósito a revitalização da *viola da terra*. A AJVT organiza o festival *Violas do Atlântico*, uma iniciativa orientada para a valorização e divulgação das violas de arame. Entre 2011 e 2019, este festival reuniu, em São Miguel, tocadores oriundos de outras ilhas do arquipélago, do continente, da Madeira e do Brasil.

Em consequência da crise pandémica, o 10.º *Violas do Atlântico* foi convertido num concerto transmitido em diferido a 01/07/2020 através da rede social virtual *Facebook*. Este evento, em que foi dado destaque às violas *micaelense* e *terceirense*, contou também com contributos de músicos participantes em edições anteriores do festival, representando as violas *beiroa*, *braguesa*, *caipira*, *campaniça* e *toeira*.

A adaptação do festival a um formato on-line implicou transformações nos comportamentos de músicos e assistência, com reflexos na preparação do concerto, com recurso a ferramentas de videochamada, gravação e edição e na sua apresentação pública, igualmente mediada por tecnologias digitais. Partindo da observação do 10.º *Violas do Atlântico* e da realização de entrevistas a músicos participantes, procurarei compreender as constrições e oportunidades suscitadas por esta adaptação.

**Rui Marques** é investigador integrado do INET-md - Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança. Licenciado e mestre na área de Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, concluiu também o mestrado em Ensino de Música (especialização em Teoria e Formação Musical) no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro (DeCA-UA). Em 2019, concluiu o

doutoramento em Música, na área de especialização em Etnomusicologia (DeCA-UA). Lecionou em várias escolas do ensino básico, do ensino artístico especializado de música e do ensino superior. Atua como Investigador Doutorado no âmbito do projeto “EcoMusic – Práticas Sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI”, em curso na Universidade de Aveiro. Colabora com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, onde leciona as unidades curriculares “Etnomusicologia” e “Músicas do Mundo na Educação”, na qualidade de professor adjunto convidado.

## Festa da Santa Cruz em contexto de pandemia: memória, resiliência e sustentabilidade cultural

Sheila Nunes da Silva

Universidade de Aveiro |INET-md

As festas fazem parte de pequenos momentos importantes que permitem quebrar com a ordem cotidiana, por isso, passam a ter um lugar na memória individualizada ou coletiva. Nesta comunicação apresento o estudo da memória como parte integrante da construção da identidade do indivíduo e da sociedade em ambiente marcado pela migração (Marshall 2018) e como fonte histórica socialmente construída (Halbwachs 1990), considerando o cenário de revivalismo e sustentabilidade cultural da festa religiosa diante do surto na saúde pública trazido pela Covid-19. A investigação traz a Festa da Santa Cruz que ocorre na Aldeia da Venda, no Alentejo.

De modo que, utilizo como instrumentos metodológicos práticas dialógicas com a comunidade (Clifford 2016), como ainda o estudo das narrativas, da oralidade, dos relatos e manifestações nas redes sociais, atentando ao Covid-19 ante resiliência cultural pela memória individualizada e coletiva, apresentada no terreno em estudo.

**Sheila Nunes** é doutora em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Valladolid – Espanha. Intercâmbio doutoral com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É investigadora do Grupo de Pesquisa Mythos – Humanidades, Complexidade e Amazônia – Universidade do Estado do Amazonas/CNPq. Investigadora no Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança- Universidade de Aveiro. Desenvolvendo investigação área da antropologia, ênfase: Etnomusicologia; Práticas Dialógicas; Cultural Oral e Património Cultural Imaterial; Rito; Sustentabilidade e Ecologia Cultural.



## A gostar dela própria?: O papel da televisão na mediação da MTP em Portugal

Sofia Vieira Lopes

NOVA FCSH | INET-md

A RTP, enquanto concessionária do Serviço Público de Televisão e Rádio em Portugal, tem como objectivo a valorização da cultura portuguesa, projectando “uma imagem contemporânea e culturalmente rica do país e da sua diversidade” (RTP 2017:8). Detentora de um acervo audiovisual de natureza e valor ímpares e de um capital simbólico inquestionável, a televisão pública tem sido, durante a crise pandémica, veículo para conteúdos dedicados à informação, ao entretenimento e à educação, como aliás é o seu desígnio desde o início das emissões em 1957.

Em Maio de 2020, a revista *Meios & Publicidade* noticiava que a televisão em Portugal havia aumentado no mês de Março 23% da sua audiência e 12% no mês seguinte, resultado do confinamento forçado. Se o contexto pandémico se traduziu num aumento significativo nas audiências televisivas, as grelhas de programação foram obrigatoriamente repensadas e plataformas informáticas afiguraram-se enquanto meios para a diversificação de conteúdos.

Tendo em consideração o papel da televisão na mediação de práticas musicais, é objectivo desta apresentação debater o modo como a RTP operou, ou não, enquanto mediador de práticas associadas à MTP durante o contexto COVID-19, não só nas grelhas de programação, como também nos conteúdos disponibilizados nas plataformas online.

**Sofia Vieira Lopes** é doutoranda em Ciências Musicais – Etnomusicologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa / Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança. É Licenciada e Mestre em Ciências Musicais – Etnomusicologia pela mesma faculdade, concluindo com a dissertação intitulada “Duas horas vivas numa TV morta”: Zip-Zip, Música e Televisão no preâmbulo da democracia em Portugal. Durante a licenciatura, foi bolsista do INET-MD no âmbito do projecto “A indústria fonográfica em Portugal no Séc. XX” e actualmente desenvolve trabalho de investigação em torno do Festival RTP da Canção, Music and Media e Indústrias da música. É organizadora da

Conferência Internacional Eurovisions: Perspectives from the Social Sciences, Humanities and the Arts (Lisboa 2018 e Tel Aviv 2019). O seu interesse académico pelo universo das Bandas Filarmónicas em Portugal reflecte-se na publicação bilingue comemorativa dos 150 anos da Sociedade Musical Eurterpe de Portalegre (Pistola e Lopes, 2013) e no Trabalho de Campo realizado na Orquestra de Sopros de Ourém (2008-2009). Foi Vogal da Direcção Pedagógica e leccionou as disciplinas de Formação Musical, Desenvolvimento Criativo e Classe de Conjunto na Escola das Artes do Alentejo Litoral, Sines (2012-2013). Leccionou História da Música e História da Cultura e das Artes no Conservatório de Artes da Canto Firme, Tomar, e no Conservatório de Música de Ourém e Fátima, onde havia leccionado, entre 2009-2012, as disciplinas de História da Música, Classe de Conjunto e Área de Projecto Artístico. Estudou Clarinete no CFA – Sociedade Filarmónica Gualdim Pais, Tomar, onde trabalhou com os professores António Rosa e Gonçalo Conceição e realizou masterclasses com Nuno Silva, Bruno Graça e Paulo Gaspar.

## Música e sustentabilidade nas Terras de Miranda

Susana Moreno Fernández

Universidade de Valladolid | Facultad de Filosofía y Letras

Nesta apresentação irei reflectir sobre as práticas musicais ligadas à tradição nas Terras de Miranda (Trás-os-Montes), as ações localmente implementadas para garantir a sua sustentabilidade em décadas recentes e as transformações acontecidas nas referidas manifestações de música e dança. Conto com investigação prévia desenvolvida nessa área desde 2007, e estou particularmente interessada em focar processos como o despoletado pela padronização da gaita mirandesa, cujo reconhecimento oficial teve lugar em 2007, e pela actual crise provocada pela pandemia do Covid19. Um dos aspectos que irei tratar será o plano de investigação a levar a cabo nos sucessivos meses, uma vez que o trabalho de terreno não é viável. Irei partilhar com os colegas do projecto e com a investigadora convidada o estado de desenvolvimento da minha pesquisa, um estado da arte do assunto em estudo e algumas questões metodológicas e teóricas que surgem ou se reconfiguram no marco da situação excepcional em que nos encontramos os investigadores que utilizamos habitualmente o método etnográfico.

**Susana Moreno Fernández** es investigadora y docente en la Universidad de Valladolid, en donde imparte asignaturas de etnomusicología y música popular urbana en el Grado en Historia y Ciencias de la Música y en el Máster en Música Hispana. Entre 2007 y 2010 realizó una estancia posdoctoral en el INET-MD, FCSH, Universidade Nova de Lisboa. Ha llevado a cabo o participado en diversas publicaciones y proyectos de investigación sobre tradiciones musicales en España y Portugal y es miembro de las juntas directivas de la Sociedad de Etnomusicología y la Sociedad Española de Musicología. Su publicación más reciente es *Music in Portugal and Spain: Experiencing Music, Expressing Culture* (Castelo-Branco y Moreno Fernández, 2018, editado por Oxford University Press).



## Fado e Choro: conexões instrumentais na música popular brasileira e portuguesa

Thomas Garcia

Miami University (Ohio)

O fado português e o choro brasileiro têm pouco em comum, se considerados apenas em suas superfícies. Os gêneros evoluíram ao longo de trajetórias paralelas, tendo ambos surgido no final do século XIX em Lisboa e Rio de Janeiro, inicialmente às margens da sociedade e desenvolvendo-se, ao passar do tempo, para a cultura dominante. O fado é uma tradição vocal portuguesa, com canções sobre amor, perdas e saudade, sentimento de melancolia, e tradicionalmente apresenta um cantor ou cantora acompanhado(a) por guitarra portuguesa e violão. O choro é um gênero instrumental brasileiro com música animada e virtuosismo, tradicionalmente apresentado com um instrumento solo acompanhado por vários tipos de guitarras. Embora ambos os gêneros usem instrumentos semelhantes, à primeira vista parece não haver outras conexões entre essas tradições musicais.

Esta apresentação explora as conexões entre o fado e o choro em termos de performance e uso de instrumentos. Eles preenchem o mesmo nicho cultural em seus respectivos países: ambos originalmente eram músicas de bares e restaurantes, que evoluíram recentemente para música de palco. Embora as formas originais ainda sejam populares em seus respectivos países, o fado novo e o choro contemporâneo desenvolveram públicos entusiasmados em todo o mundo.

**Thomas George Caracas Garcia**, etnomusicólogo/musicólogo, violonista, alaudista, é professor associado de Etnomusicologia e Estudos Latino-Americanos na Miami University (Ohio). Especializado em música brasileira, ele se apresenta nos Estados Unidos, Europa e Brasil, em diversas instituições culturais, incluindo Alice Tully Hall e Merkin Concert Hall em Nova York, Rock and Roll Hall of Fame em Cleveland, Centro Cultural Justiça Federal, Museu Villa-Lobos e Museu da República do Rio de Janeiro, a Casa Thomas Jefferson em Brasília, Salle Bulgaria em Sofia, o Conservatório de Moscou na Rússia, entre outros. Ele

recentemente fez duas tournées, no Brasil e na Rússia, tocando música clássica e popular brasileira com a oboísta Andrea Ridilla. O jornal Duma de Sofia, Bulgária, escreveu: “Um solista brilhante, Thomas Garcia conquistou o público desde as primeiras notas de sua performance, com seu som claro e tom caloroso.”

Garcia é doutor em Prática de Performance Histórica pela Duke University, tem mestrado em Musicologia pela Universidade de Massachusetts e mestrado e bacharelado em performance pela Juilliard School. Suas publicações incluem artigos sobre Heitor Villa-Lobos, a história do violão e da música brasileira na *Luso-Brazilian Review* e no *Journal of Popular Culture*, entre muitos outros, além de inúmeros capítulos de livros e artigos de enciclopédia. Ele publicou recentemente um capítulo sobre o músico de choro Jacob do Bandolim no livro *Mazel Tov, Amigos!: Jews in Popular Music in the Americas*, que ganhou um prêmio da *Society for Ethnomusicology* por contribuições sobre música judaica. É também autor do livro *Choro, A Social History of a Brazilian Popular Music* e, mais recentemente, editor da antologia *Global Popular Music*, publicada em janeiro de 2019.



Co-financiado por:



Esta mesa-redonda foi organizada no âmbito do projeto "Práticas sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI" (PTDC/ART-FOL/31782/2017), co-financiado pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização e pelo Programa Operacional Regional de Lisboa, na sua componente FEDER/FNR, e por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, na sua componente de Orçamento de Estado.